

## PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL NA SEÇÃO A SEMANA DA REVISTA CARTA CAPITAL

Diva Cleide Calles

**RESUMO:** A proposta deste trabalho é examinar os procedimentos de construção do texto escrito, as estratégias de interação, os efeitos de sentido e as marcas de oralidade. Como *corpus*, na modalidade discursiva jornalística, tomamos textos da revista *Carta Capital*, da seção *A Semana*. Ressalta-se a noção de texto como um produto de atividade lingüística de interação social, construído por um enunciador (um produtor do texto), para um enunciatário (receptor/leitor). Os participantes deste processo contribuem com a construção de um texto, que reflete o estabelecimento e a manutenção de relações sociais. Esta análise é feita principalmente sob o enfoque teórico da Análise da Conversação e da Análise do Discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** marcas de oralidade; estratégias de interação; polifonia.

**ABSTRACT:** *The purpose of this paper is to examine the making up procedures of the written text, the interaction strategies, the meaning senses, and the oral marks. The corpus, in the journalistic modality, are two texts of the weekly magazine Carta Capital, in which we will focus the concept of a text as the result of a linguistic activity of social interaction, built by an announcer (the text producer), to a receiver (or reader). The participants of such a process contribute to the building of a text, which reflects the establishment and the maintenance of social relations. The analysis is mainly done under the theoretical reference of the Conversational Analysis and the Discourse Analysis.*

**KEYWORDS:** *oral marks; interaction strategies; polyphony.*

### Considerações preliminares

Este trabalho visa propiciar uma apreensão mais global do fenômeno discursivo e de seus possíveis aspectos específicos. Tomando como *corpus* dois textos da *Revista Carta*

*Capital*<sup>1</sup>, da seção *A Semana, a opinião de Carta Capital sobre os assuntos do momento*, assinada pelo jornalista Mino Carta, são examinados os procedimentos de construção textual. Cabe salientar o crescente interesse por entender e descrever os mecanismos lingüísticos de que a modalidade discursiva jornalística lança mão para transformar os fatos em notícias, as notícias em textos, e, por fim, os textos em informação, opinião e ideologia. Trata-se da concepção de discurso como prática social discursiva, em que os atores (ou actantes) são investidos de papéis sociais.

É importante registrar a noção de texto como *atividade lingüística de interação social, visto que se constrói a partir de uma progressão contínua de significados que se combinam tanto simultaneamente como em sucessão* (Andrade, 2001:125). Temos, desta maneira, um produto, o texto; um processo, o discurso; um produtor do texto, um enunciador, um autor ou um destinador; um receptor do texto, um enunciatário, um leitor ou um destinatário<sup>2</sup>.

O referencial teórico fundamental para as reflexões neste estudo baseia-se numa disciplina que propõe *problematizar* as maneiras de ler, a Análise do Discurso - AD - tal como é conhecida a vertente francesa da análise do discurso. Ao mediar a relação com o texto, a AD reflete a relação sujeito-linguagem-história, e tem como objeto o interdiscurso em que se dá essa relação. A AD possibilita ainda percorrer formas de significação tornadas *visíveis* à luz dos dispositivos teóricos de análise por ela fornecidos. Vale dizer, o exame dos procedimentos e processos discursivos, bem como da atividade cognitiva que se vale dos sistemas lingüísticos, que exponham o olhar leitor à ação estratégica de um sujeito e que construam interpretações, leva em conta que a enunciação não como *cena ilusória* de conteúdos, mas como um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem.

Por discurso, entende-se toda atividade comunicativa, produtora de efeitos de sentidos, entre sujeitos situados social e historicamente, interlocutores em relações

---

<sup>1</sup> *Carta Capital* - Política, Economia e Cultura, Ano VIII, Brasiliense ([www.Cartacapital.com.br](http://www.Cartacapital.com.br)).

<sup>2</sup> Sob o enfoque teórico da *Análise da Conversação*, que, conforme Ângela Paiva Dionísio, em *Análise da conversação*, em Mussalim, F. e Bentes, A C (orgs), *Introdução à lingüística 2 - Domínios e fronteiras*, pp. 69-99, consiste numa abordagem discursiva, originada na década de 1960, ligada aos estudos sociológicos (mais especificamente à Etnometodologia, que tem como objeto de estudo as atividades práticas do cotidiano).

interacionais. Se os fatos de linguagem têm caráter social, o texto, através dos quais se depreende o funcionamento do discurso, é o processo/produto pelo qual se dá a interação. O discurso se materializa e se manifesta lingüisticamente sob a forma de textos. Nesta perspectiva, “a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento”; ao contrário, é “interação e um modo de produção social”, não neutro e não inocente, mas engajado em intencionalidade e manifestando ideologia (Brandão, 2001:12).

Na modalidade discursiva jornalística, imaginam-se os discursos como contribuições verdadeiras, tomadas pelo leitor como recuperação da realidade (Brait, 2001: 90). Entretanto, não necessariamente a verdade, mas aquilo que é pertinente, relevante e adequado, é passível de constituir o terreno prévio onde se planta o texto. Para haver significação, há necessariamente construção, o que implica mostrar determinadas coisas e esconder outras (Brait, 2001: 90). Noutros termos, mais que a veracidade do que é apresentado, importa o efeito de sentido obtido. Mais que isso, há que se levar em conta que a elaboração de um texto visa à persuasão e à manipulação de um destinatário, de forma a levá-lo à internalização do ponto de vista do enunciador: a asserção de que não há texto isento.

Neste sentido, é preciso tratar ainda da dimensão persuasiva do texto e a forma como o discurso argumentativo vai se situar em relação ao discurso do outro, objetivando a adesão a um ponto de vista. Trata-se, noutras palavras, de examinar os elementos do fazer persuasivo de um enunciador, como um direcionamento de sentido a partir de sua forma de enunciação. Os traços lingüísticos nos permitem reconhecer a intencionalidade do enunciador, os efeitos de sentido construídos (por este autor ou pelo locutor por ele instaurado/instituído) e a persuasão ou manipulação que o enunciador busca exercer sobre o enunciatário (leitor). Comprometida com as noções de interlocução e interação social, a construção de efeitos de sentido se dá a partir do léxico empregado, dos tópicos abordados, das estratégias de elaboração.

Deve-se ainda considerar o plano em que se manifestam as idéias do texto por meio do exame dos recursos expressionais que o extrapolam, isto é, na chamada *enunciação não enunciada*: pequenas *pistas* deixadas nas inferências, nos implícitos, nos pressupostos (Fiorin, 2002: 165-186). Desta maneira, toma-se por base a *leitura* de um enunciatário que

objetive a reconstituição dos elementos ocultos e/ou implícitos, bem como das seqüências e percursos realizados pelo enunciador: um duplo movimento.

Ressalta-se a concepção de linguagem que se contrapõe àquela objeto de estudo de Saussure (2000:16), que vê a língua como um código abstrato, ideal e homogêneo. Embora Saussure tenha provocado com suas idéias uma revolução lingüística de valor relevante, logo se tornaram evidentes os limites da dicotomia língua/fala, pelas conseqüências da exclusão da fala do campo dos estudos lingüísticos (Brandão,2002:9). A linguagem é vista, desta forma, como lugar privilegiado em que a ideologia se materializa e se constitui como uma das vias para se chegar ao funcionamento das idéias (Brandão, 2000: 20).

Entre os estudiosos que sentiram o engessamento da visão de língua proposta pelo mestre genebrino, está Bakhtin (1986: 124) que vê a língua como algo concreto, vivo, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando, dessa maneira, a fala. Defendendo uma concepção de linguagem como forma de interação verbal, o teórico russo atribui lugar privilegiado à enunciação como realidade da linguagem: a matéria lingüística corresponde a uma parte do enunciado; outra parte, a não-verbal, refere-se ao contexto da enunciação. Essa concepção como forma de interação verbal é a que melhor dá conta dos complexos e amplos fenômenos da linguagem.

Na mesma perspectiva de Bakhtin, outros autores concebem a linguagem como uma atividade histórica e social, tendo contribuído muito com os avanços dos estudos lingüísticos, entre eles: Benveniste, Foucault, Pêcheux, Maingueneau. Dessa maneira, os textos de *A Semana* são analisados levando em conta os mecanismos interdiscursivos que remetem à relação texto-contexto, noções como formações discursivas e ideológicas e heterogeneidade discursiva, que se inserem no quadro da AD e que podem ser recuperadas pelos trabalhos de Pêcheux & Fuchs (1990) e de Maingueneau (1997), entre outros.

Segundo Brandão (2002:18), as duas vertentes que vão influenciar a AD são a *ideologia*, na perspectiva de Althusser, e o *discurso*, fundamentado nos conceitos de Foucault. É sob a influência das idéias desses dois teóricos que Pêcheux elaborou seus conceitos de formação ideológica e de formação discursiva. Tendo como ponto de partida a definição de formação social como uma conjuntura em que várias formações ideológicas se

confrontam, Pêcheux & Fuchs (1990:166-7) consideram uma formação ideológica como “um conjunto de representações que não são nem *individuais* nem *universais*, mas se relacionam mais ou menos a *posições de classe* em conflito umas com as outras” (grifo dos autores). As formações ideológicas, por sua vez, comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que “determinam o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares, no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes” (166-7).

### **Os textos sob exame em *A Semana***

*Carta Capital*, revista de opinião, de periodicidade semanal, com notícias criticamente comentadas sobre política, economia, cultura, literatura, saúde, ciência e esporte, consiste num texto jornalístico cujo grau de informatividade, em certa medida, difere de outros da mídia impressa, pois nele prevalece o caráter crítico-analítico sobre o informativo. Além disso, caracteriza-se por maior formalidade, tanto em relação ao padrão de linguagem, como às estratégias e ao conhecimento de mundo necessário à compreensão dos conteúdos<sup>3</sup>. Percebem-se, a despeito do tom formal predominante, marcas de oralidade e marcas de interatividade estabelecendo diferentes graus de envolvimento com o leitor.

Depara-se, de imediato, com a dificuldade de classificação quanto ao gênero discursivo do *corpus* analisado. Na verdade, as análises e comentários apresentam um caráter *ensaístico*, em que o enunciador expõe, por vezes escancaradamente, pontos de vista sobre os mais variados temas. Para legitimar o enunciado, este enunciador lança mão de refinadas estratégias de construção, como a polifonia, a presença de outras vozes, para atingir seu co-enunciador, o leitor do texto, envolvendo-o e compartilhando reflexões (Andrade, 2002: 212). Por sua vez, o receptor reconhece a alteridade e a presença do outro e assume o papel do outro a quem as estratégias e movimentos textuais visam (Brait, 2001: 90). Na construção

---

<sup>3</sup> O autor, Mino Carta, é também diretor de redação da revista e criador de publicações como *Veja*, *IstoÉ*, *Senhor*, *Jornal da Tarde* e *Rodas*. Diz-se partidário de uma imprensa menos engajada com o poder, mais criativa e imaginativa e menos atada aos índices de audiência ou leitura como principal critério de produção editorial.

textual, a argumentação é alicerçada, também neste texto, por uma perspectiva discursiva polifônica, construída no confronto de várias vozes: pela citação de autoridade, o enunciador busca explicitar uma informação para que seu leitor tome conhecimento de um fato ou informação partilhe algo interessante (Brait, 2001b: 146). O enunciador dos textos aqui tratados, das mais variadas formas, faz uso freqüente da citação, a qual assume a função de mostrar a opinião de alguém, endossá-la ou criticá-la.

Em sintonia com os demais textos veiculados por *Carta Capital*, em *A Semana*, estamos diante de um texto escrito, previamente planejado, coerente, coeso, engenhosamente arquitetado quanto às estratégias argumentativas, nível de linguagem adequado aos assuntos e ao público alvo, conteúdo revelando um enunciador culto, com amplo conhecimento de mundo e de várias outras áreas do saber e da cultura. Em suas reflexões e na construção dos argumentos do texto, este enunciador revela ainda notável habilidade na elaboração das escolhas lingüísticas.

Salta à vista que se trata de um texto impregnado de ironia nos mais variados níveis, chegando às vezes ao sarcasmo. Contudo, a ironia não resulta num elemento de comicidade e riso; ao contrário, dá a conhecer, apontando por vezes para o ridículo e o caricatural, uma visão crítica, cética e pessimista. Trata-se de um discurso escancaradamente não-isento em que os pontos de vista ao mesmo tempo subjazem ao texto e dele irrompem ou emanam. Esta forma reflexiva e argumentativa revela o caráter coercitivo de uma linguagem como forma de ação sobre o outro, como forma de persuasão, em maior ou menor grau, de levar o outro a aderir a um ponto de vista.

Podemos observar que a citação não corresponde apenas à interatividade, dando conta da presença de um outro como enunciador no texto. Ao contrário, pela maneira como o discurso argumentativo se situa em relação ao discurso do outro, percebem-se, não apenas nos textos em análise, as evidentes intenções do enunciador. Pela enunciação, objetiva-se a adesão a um ponto de vista, em estreita correlação com a construção dos sentidos. A interação com o texto escrito ocorre de modo a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos. No processo de construção textual, temos a intencionalidade (objetivo) de um texto por parte do autor (produtor, enunciador) e, de outro lado, a aceitabilidade do leitor (receptor, enunciatário). Os dados lingüísticos revelam a

subjetividade de um enunciador que visa alcançar seu público e com ele interagir, levando em conta para quem é o texto e em que situação discursiva está ocorrendo.

O texto *Uma paródia de Luigi Pirandello* (Anexo 1) trata de algo sempre em evidência na vida pública nacional: as peripécias da sucessão presidencial. O *frame*<sup>4</sup> acionado no leitor se dá pela palavra *sucessão*, acima da manchete, e pela *linha fina*: *Simulando uma atitude oposicionista, o PMDB encena uma pantomima de péssima qualidade*. O conhecimento partilhado entre enunciador e enunciatário demanda, de certa forma, por exemplo, saber da existência da obra *Seis personagens à procura de um autor*, de Luigi Pirandello<sup>5</sup>. Pressupõe-se a informação prévia sobre as ocorrências da sucessão presidencial, além de um conhecimento de mundo que inclua o universo teatral.

O tempo cronológico se refere à semana em questão, mas remete a outros espaços e tempos, reais, ficcionais e a outros contextos, em que o *teatro* assume uma função norteadora, como atestam as referências: a Luigi Pirandello (1867-1936); ao teatro de Pirandello (Itália); ao teatro como paródia e como pantomima; ao *Theatre du Grand Guignol* (Paris)<sup>6</sup>; ao *cenário* político nacional (Brasília, Rio de Janeiro, etc.).

---

<sup>4</sup> Ao criar um texto, o usuário de uma língua aciona *frames*, conhecimentos cognitivos fixos, ativos ou passivos, armazenados na memória e relacionados ao conhecimento de mundo deste indivíduo, em relação a uma situação discursiva. Os títulos das manchetes por si mesmos acionam *frames* no leitor. Podem ser tomados como uma expressão encapsuladora catafórica que tem a função de delinear como vai se dar o desenvolvimento do texto. Esta expressão pode ser: metafórica; uma construção metonímica do referente; metadiscursiva (não resume, mas apresenta uma informação quanto ao conteúdo).

<sup>5</sup> Num teatro, tem início mais um ensaio, em meio à crise de nervos do diretor de Companhia e aos *chiliques* da atriz principal, que estavam por sua conta e risco, pois o autor não havia terminado de escrever a peça, invadem o ensaio de uma outra peça de Pirandello e insistem em representar suas vidas legítimas. Interpelados pelo diretor, explicam que são seis personagens que, criados, foram abandonados pelo autor e que ali estão à procura de quem lhes ajude a contar sua história. Os personagens se rebelam contra seu criador, recusam-se a acatar as instruções do diretor e interferem na estrutura da peça que se esfacela em uma série de fragmentos que se alternam entre o cômico e o trágico as rubricas de Pirandello indicam que as personagens *invasoras* devem usar máscaras. No decorrer da peça, a situação vai lentamente se invertendo e vão se tornando mais irreais que as tais *personagens* os atores da Companhia. (Alves de Lima, 1999).

<sup>6</sup> Num auditório de madeira (Paris, 13/4/1897), começa a funcionar o *Theatre du Grand Guignol*. Cheio, chegava a comportar cerca de 300 pessoas, ávidas por assistir às famosas peças, atração turística tal qual o Louvre, a Torre Eiffel, etc. Apresentavam-se peças (algumas adaptadas de autores famosos, como Dickens, Edgar Allan Poe, entre outros), em que os atores representavam vítimas e vilões de crimes, assassinatos, atrocidades, mutilações. Por 65 anos, foram encenados, espetáculos de horror, sangue, sexo e sordidez, regados a efeitos especiais sonoros e visuais, para o deleite da platéia pagante. Media-se o êxito das performances pelo número de pessoas, atendidas por um médico, que passavam mal e desmaiavam.

Este texto é construído com o suporte do vocabulário *técnico* relativo à convenção e à linguagem teatrais: o próprio título; *paródia*; *teatro mambembe*; *papel*; *talentos*; *platéia*, *desempenho*; *representar*, *caricatura*; *cortinas*; *ato*, *farsa*; *espetáculos*; *atores*; (atores de *Grand Guignol*, *cordéis*; *peça*, *Seis personagens à procura de um autor*; *o velho Luigi*, *o escritor do texto original*; *encenação*; *ensaiam*, *protagonizar*; *pantomima*. Ainda quanto ao corte lexical, observam-se termos cultos não usuais, cujo emprego também se reveste de uma significativa carga irônica: *canônicas*; *empertigados*; *enfastiada*; *entediante*; *cessão*; *comodato*; *desferido*, *desafeto*; *encalacrado*; *farto*; *proto-oposicionista*; *candidato-laranja* (expressão gíria de cunho mais popular). Observa-se que o enunciador não usa a palavra *performance* mas *desempenho*; por outro lado, *manda-chuva* é substituído por um termo nada usual: *paredro*<sup>7</sup>. Há também expressões inusitadas e empregadas com duplo sentido e ironia, como *ternos de funeral*; *quem é do ramo*; *orientação técnica*; *fanáticos do óbvio*; *governismo*.

A ironia se constrói neste texto até pelo fato de Mendonça de Barros, *o idealizador do projeto do governo*, ter se referido a seu programa político como *programa Pirandello*. O enunciador, então, pega o gancho e aponta o ridículo da situação, paralelizando as peripécias ligadas à sucessão a uma obra/peça, cujo nome mais adequado seria *Um autor para um só personagem*. Este aspecto caricatural é ressaltado por todo o texto pelas construções metafóricas, pelo recorte lexical (*pantomima*, *paródia*, *teatro mambembe*). Temos, neste caso, um discurso jornalístico assumindo a perspectiva discursivo-textual que recorre à intertextualidade e à interdiscursividade. Com estes elementos peculiares à dimensão teatral, cria-se uma relação analógica entre sucessão presidencial e teatro e, com ela, um efeito de sentido forte que desestabiliza a função de apenas comentar um acontecimento de repercussão na política nacional.

Vale ressaltar que reaparece com frequência na dramaturgia do autor de *Seis personagens à procura de um autor* a idéia de que a arte é mais verdadeira do que a vida

---

<sup>7</sup> Observa-se que *comodato* é um termo jurídico, que significa *empréstimo*, qualquer coisa emprestada que deve ser restituída no mesmo estado; e *paredro*, conselheiro que sugere o caminho a seguir; mentor; indivíduo que dá ordens, comanda, decide, lidera; chefe político; coronel. Aparecem duas vezes palavras com carga semântica extremamente significativa: *paródia* e *pantomima*, que, além de significar arte ou ato de expressão por meio de gestos; mímica, pode também se referir a *logro*, *embuste*. E *gendarme* se refere a soldado da força incumbida de velar pela segurança e ordem pública, na França.

porque proclama o fingimento. Como distinguir, na vida real, o fato da interpretação, o que somos hoje do que fomos ontem, a moral privada da moral pública? Não é a imitação da realidade que se discute, mas os procedimentos e a validade ética da mimese. O enunciador refere-se ainda a *atores de Grand Guignol nos espetáculos da sucessão presidencial* novamente reforçando o paralelo entre as *armações* da política nacional e um teatro de horrores ou de absurdo.

O viés da literatura e da arte é retomado em *Crônica de uma alta anunciada* (Anexo 2), em que, de imediato, temos o paralelo com o romance de Gabriel Garcia Marques, *Crónica de una muerte anunciada*, algo que se torna explícito apenas àqueles que partilham deste conhecimento com o enunciador. Desconhecer esta informação, no entanto, é muito menos comprometedor à compreensão do texto do que ignorar as demais referências constantes deste e de outros textos<sup>8</sup>.

A estruturação frásica e gramatical, nos textos examinados, conforma-se com aquela prescrita pela norma padrão. Apesar de algumas concessões conscientes à linguagem popular e de poucas rupturas gramaticais, o enunciador dá a conhecer grande habilidade na elaboração das escolhas lingüísticas e este domínio da norma culta o leva a interagir de modo eficaz com seu interlocutor. Cabe também mencionar a ocorrência de vários assuntos em cada texto, mas todos relacionados ao tópico central. Digressões estrategicamente selecionadas permitem criar mais expressividade e expectativa sobre as intenções do autor do texto.

Como desvios da norma gramatical, podemos citar duas construções em que a regência padrão é alterada. Em *Uma paródia de Luigi Pirandello*, temos: *desconfia-se que* (em vez de *desconfia-se de que*); em *Crônica de uma alta anunciada: o que a Bovespa assistiu*, (em que *assistiu* aparece como verbo transitivo direto, assumindo a forma popularmente empregada, tendência atualmente quase generalizada na mídia impressa).

O enunciador se vale de um estilo coloquial culto literário, numa linguagem estilística e previamente planejada, dirigida a leitores cultos e informados. Assim, encontramos numeroso aparato lexical entre o comum e o culto, metáforas, jogos de palavras, amplo e

---

<sup>8</sup> Várias outras citações: Banco do Brasil (BB); BNDES; Bovespa; Comissão de Valores Mobiliários (CVM); Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS); Eleazar de Carvalho, presidente do BNDES; Pedro Malan, ministro da Fazenda; e Luiz Otávio da Motta Veiga, ex-presidente da CVM.

variado vocabulário que beira ao técnico, aspectos que não apenas indicam uma opção semanticamente adequada aos contextos, mas de um posicionamento do enunciador.

Percebem-se então marcas sinalizadoras de uma linguagem culta, ao lado de uma linguagem do cotidiano, embora em pequeno número de termos. Destaca-se a escolha vocabular apurada, pertencente à norma culta, bem como palavras denotando extrema formalidade. Nota-se, entretanto, a moderação no uso de expressões e frases gírias e ausência total de termos grosseiros.

Em *Uma paródia de Luigi Pirandello*, encontramos, por exemplo, uma expressão gíria de cunho mais popular: *candidato-laranja*. Em *Crônica de uma alta anunciada*, também é utilizado um vocabulário culto, como *exultante*, *inquirido*; e *suplantavam*, bem como palavras mais específicas, até certo ponto, um jargão técnico: *ordinárias*, *preferenciais*, *pregão*, *capital*, *Bovespa*, condizente com o assunto tratado.

Entretanto, a formalidade da linguagem precisa, culta e direta é quebrada pela entrada sutil de marcas da oralidade, como, vocativos e perguntas retóricas, que constituem uma estratégia de envolvimento para chamar a audiência (interlocutor) àquilo de que se vai tratar, simulando a co-presença do leitor. Encontram-se interrogações e exclamações, verbos e pronomes de primeira pessoa do plural (não temos, via de regra, um *eu* explicitado, mas *nós* ou *Carta Capital*).

As marcas da variedade padrão aliadas à modalidade popular conferem aos textos um caráter de oralidade funcional premeditada, recurso equivalente a *ser oral no escrito*, assumir um tom de conversa, com recursos e estratégias característicos dos eventos conversacionais, entre eles, a co-presença do leitor, parceiro da própria construção textual. Trata-se de um coloquial culto, cuja leitura e compreensão demandam, tanto do produtor como do receptor do texto, uma competência lingüística culta, que se insere numa modalidade teoricamente invariável (língua escrita), mas língua escrita atípica, na medida em que incorpora a variedade lingüística própria da língua falada. As marcas de interatividade não são um índice de presença da fala na escrita, mas projeção da escrita dimensionada para uma determinada audiência (Urbano, 2001: 178).

Notamos, desta forma, que os textos analisados são caracteristicamente formais, escritos de acordo com a norma culta, demandando alto conhecimento partilhado e de mundo

de seu produtor e receptor. Cabe ressaltar, entretanto, as marcas de interatividade inscritas na textualidade não são uma propriedade típica da oralidade que não ocorrem na escrita. Considerando-se os princípios do dialogismo e da interlocução como próprios da língua e não de uma modalidade de uso da língua, tanto a fala como a escrita apresentam marcas de interatividade, que se diferenciam na fala e na escrita pelas estratégias de sua realização e pelos elementos lingüísticos empregados (Marcuschi, 1997: 139).

### **A relação enunciador/receptor**

De acordo com uma nova visão nas relações fala-escrita no aspecto da formalidade-informalidade, a formalidade constitui uma questão de estilo, que não necessariamente acarreta distanciamento do interlocutor, nem elimina automaticamente as marcas de interatividade. Tais marcas de interatividade, na escrita e na fala, atuam como operadores de orientação cognitiva, sugerindo perspectivas de interpretação por parte do enunciador, que definem posicionamentos para uma relação intersubjetiva ou interação comunicativa mais eficaz de que se lança mão para produzir efeitos de sentido no processo comunicativo. Portanto, mais do que a presença de estratégias de textualização típicas da fala nos processos da escrita, estas marcas são um aspecto central do processamento lingüístico de um modo geral. Assim, é possível imaginar que o processamento textual (enquanto movimento de produção e recepção de um texto numa perspectiva cognitiva) tem muito de comum na fala e na escrita. Tudo leva a crer que a interatividade é um aspecto que diz respeito nem tanto às modalidades de uso da língua, mas à relação do escrevente/falante com a língua. (Marcuschi, 1997:155).

Há que se ressaltar ainda que, dentro do universo de um texto que pode ser identificado a um monólogo aparente se estabelece o dialogismo entre receptor e destinador. Além disso, ainda que as condições de produção e de recepção para a escrita e para a fala sejam diversas, pois, na escrita não há o envolvimento face a face, a interatividade é inerente à própria língua e não à determinada modalidade de uso da língua. Vale dizer, ninguém fala

ou escreve, sem levar em conta um receptor (leitor/ouvinte/interlocutor) presente no horizonte daquele que produz o texto<sup>9</sup>.

A relação (direta, intencional e clara) entre um *eu* e um *tu* se manifesta como um tipo de envolvimento interpessoal e pode apresentar-se de diferentes formas, com intensidade variada nos diversos gêneros textuais. Na construção de qualquer tipologia textual, o receptor desenhado pelo produtor do texto é o foco central desta produção, e, desta forma, determina, em grande parte, os diferentes gêneros textuais, nos quais as marcas de interatividade podem ser mais ou menos evidentes e/ou consistentes. Esta relação do sujeito com a linguagem é o que produz efeitos de sentido (Marcuschi, 1999: 143).

Marcada na superfície e na própria realização textual, fazendo parte do próprio texto, sugerindo um envolvimento interpessoal, a interatividade subentende a presença de um receptor. No caso de notícia jornalística, este leitor não é íntimo, conhecido, definido. Não se trata, em absoluto, de uma troca de idéias entre amigos. Ao contrário, o produtor tem em mente abordar a situação contemporânea (relacionando os acontecimentos a outros espaços e tempos) para uma audiência *grosso modo* genérica.

Este receptor não é identificado a não ser pelos traços que se presumem para o público alvo de determinado estilo jornalístico, o que envolve postura de maior ou menor comprometimento face à ideologia política, por exemplo. Pressupõe-se ainda mínimo de conhecimento partilhado entre enunciador e receptor, de forma que se estabeleça a interatividade. Quanto maior este conhecimento, maior o nível de interatividade entre enunciador/enunciatário. Sabe-se que há diferentes níveis de leitura, não apenas leitura de consenso, e que o leitor ideal preenche os requisitos de intertextualidade<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Citando Bakhtin - e a propriedade dialógica da linguagem -, se refere ao princípio do dialogismo ou da interlocução, tanto na fala como na escrita. O interdiscurso sugere uma articulação acentuada entre os interactantes numa relação do sujeito com seu discurso e com o provável (às vezes suposto ou sugerido) discurso do outro (Marcuschi, 1999: 142).

<sup>10</sup> Talvez seja pertinente mencionar que *Carta Capital* não se constitui num tipo de leitura de apelo popular ou que agrade indistintamente a todos, pois, em última análise, demanda deste leitor um alto grau de conhecimento de mundo, ampla cultura geral, em várias áreas de conhecimento, noções de política e competência lingüística. Pressupõe um leitor familiarizado com os acontecimentos políticos, econômicos e culturais da atualidade, em relação a outros anteriores, um receptor suficientemente culto para apreender os metadiscursos inseridos no texto sendo lido. O enunciador envolve seu interlocutor diretamente na construção do argumento, na expectativa de um leitor pressupondo um leitor com o qual ele possa dialogar, supondo-o especializado e com noções específicas, mas não necessariamente detentor dos conhecimentos necessários ao entendimento dos conteúdos (Brait, 1999 e Marcuschi, 1999: 148 a 151).

Conhecimentos lingüísticos, paralingüísticos e socioculturais são estabelecidos tanto durante o evento de produção do texto como durante sua leitura. Neste processo de interação, são atualizados os conhecimentos partilhados próximos e remotos. Deste modo, na atividade de construção textual, dois textos são elaborados: aquele do enunciador (escritor, autor), e aquele do leitor (receptor, destinatário) (Andrade, 2002: 208).

Ao escrever ou ler um texto, este se transforma em discurso. Na leitura, o receptor faz o caminho inverso do enunciador. Para a plena compreensão dos conteúdos de *A Semana*, supõe-se o conhecimento prévio do leitor sobre política, economia, cultura, bem como sobre os próprios fatos comentados. Cabe considerar que não se trata, no caso, de textos como as notícias de um jornal, em que prevalece o caráter informativo. De qualquer forma, percebem-se estratégias para convidar o leitor a partilhar algo que supostamente não conhecia, isto é, algumas informações são fornecidas para auxiliar o leitor no processamento cognitivo do texto, e perceber os efeitos de sentido pretendidos em determinadas nuances do discurso, tais como: explicação parentética, dêiticos textuais e/ou perguntas retóricas.

A elaboração textual envolve a preocupação com a audiência, ou seja, a recepção do discurso. O enunciador sempre desenha um leitor para seu texto, ainda que um leitor genérico. Desta maneira, tanto no processo de produção do texto como no de leitura, estão sempre presentes o enunciador e o receptor. Há uma dependência intrínseca na relação entre o destinatário e o produto e o seu produtor, no sentido de que a opinião do leitor sobre aquela matéria determinada, reflete o conceito que ele faz de si mesmo. Se o produto consumido é apreciado, considerado inteligente e de boa qualidade, se a veracidade dos argumentos e informações é tida como satisfatória, então este receptor possui um nível ao menos tão alto e tão bom quanto o objeto de sua admiração. Em última análise, possibilita-se a este leitor a expressão de seus pontos de vista através de um texto produzido pelo enunciador por trás daquele discurso (Marcuschi, 1999: 142).

Sendo o texto considerado *bom*, elaborado com argumentos inteligentes, observações críticas a respeito de assuntos de interesse, o leitor se vê diante de algo que ele próprio gostaria de ter escrito, e/ou que produza prazer estético pela leitura. Muitos elogios, na seção *cartas do leitor*, num processo de espelhamento, provavelmente também reflitam a auto-

imagem de seus enunciadores/leitores, embora sejam veiculados, ainda que em número significativamente menor, pontos de vista discordantes.

### **Considerações finais**

O texto resulta de um processo de escolha semântica e num intercâmbio de significados. Igualmente, está vinculado a uma situação, a um contexto, a seu entorno; paralelamente, a situação se vincula ao texto e aos sistemas lingüístico e social. Havendo uma estrutura de papéis, específicos a cada situação, exercidos pelos participantes, o texto desempenha uma função dentro da ação social e a estrutura de papéis. O entorno ou contexto social da linguagem estrutura-se como um campo de ação social significativa, um teor de relação de papéis e um modo de organização simbólica, que constituem a situação ou contexto de situação de um texto e determinam o tipo de linguagem empregada.

Assim como a conversação, o texto escrito, produto e processo de uma atividade interacional, consiste numa atividade lingüística coletiva, que deixa transparecer a interação social. Os participantes deste processo contribuem com a estruturação de um texto elaborado em conjunto, o qual reflete o estabelecimento e a manutenção de relações sociais. Esta atividade interacional, no caso do texto escrito, ocorre sem a presença concomitante dos envolvidos no processo; pressupõe, entretanto, desde sua feitura, a presença e a participação de um receptor, a quem o texto se dirige e a quem pretende veicular uma mensagem. Partindo-se da premissa de que enunciador e receptor não necessariamente partilhem os mesmos pontos de vista, o discurso assume uma perspectiva dialética que engloba diferenças, choques e confrontos. Os processos argumentativos inseridos no texto, tendo em vista a argumentação como campo do passível de polêmica, de controvérsia e do discutível, implicam eventualmente negociação entre as partes.

Uma vez que o enfoque discursivo ocupa um espaço cada vez mais amplo no campo dos estudos da linguagem, noções como interlocução, subjetividade, polifonia, argumentação, linguagem como interação social e como atividade constitutiva do sujeito têm contribuído para iluminar as abordagens textuais baseadas na relação língua/discurso/ideologia e texto/discurso. Por meio da análise de textos de diferentes

gêneros e/ou formações discursivas, podem-se levantar aspectos da expressão cultural de um determinado contexto sócio-político-econômico e discutir as estreitas relações e afinidades entre discurso, linguagem e áreas do conhecimento diretamente relacionadas entre si e, juntas, ao funcionamento da sociedade.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M.L.C.V. O. *A revista Veja: interação e ensaio*. In: PRETI, D. (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 5, 2002.
- BARROS, D.L.P. *Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias* In: PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 4, 2001.
- BRAIT, B. *A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo* In: *Língua e literatura - Revista do Depto. de Letras, Nº 21- 1994/1995*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia* In: MARI, H; PIRES, S; CRUZ, A.R. e MACHADO, I.L. (orgs.) *Fundamentos e dimensões da Análise do Discurso*. BH: Carol Borges Editora/UFMG, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *Elocução formal: o dinamismo da oralidade e as formalidades da escrita* In: PRETI, D. (org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 3, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *O processo interacional* In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. SÃO PAULO: Humanitas/Projeto NURC-SP, vol. 1, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Texto jornalístico: modos de leitura* In: *Estudos lingüísticos XXXIX Anais de Seminários do GEL*. Franca: Unifran, 2001b.
- \_\_\_\_\_. *Interação, gênero e estilo* In: PRETI, D. (org.) *Interação na fala e na escrita*. SÃO PAULO: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 5, 2002.
- BRANDÃO, H.H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 2001.
- DIONÍSIO, A. P. *Análise da conversação*. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A C (orgs.) *Introdução à lingüística II - Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORIN, J. L. *A linguagem em uso*. In: *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, L.A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In: PRETI, D. (org.) “A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social” In: PRETI, D. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 4, 2001.

RODRIGUES, A.C.S. “Língua falada e língua escrita” In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. SÃO PAULO: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 1, 2001.

URBANO, H. *Oralidade na literatura (O caso Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. “A linguagem falada e escrita de Helena Silveira” In: PRETI, D. (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/Projeto NURC-SP, Vol. 4, 2001.

## **Anexos**

**Anexo 1:** SUCESSÃO - *Uma paródia de Luigi Pirandello*, 7/11/2001, Nº 164, p. 27 (A semana, 27/10 a 2/11/2001) - *Simulando uma atitude oposicionista, o PMDB encena uma pantomima de péssima qualidade*

Que o PMBD tem rumo certo, até as pedras da rua sabem. Movido a cargos, o partido, nos últimos tempos, não hesita em percorrer os atalhos das negociações pouco canônicas. No teatro mambembe da política nativa, seus atuais dirigentes escolheram há tempos o papel de linha auxiliar do governo ou dos governos. Sempre empertigados em seus ternos de funeral, mas um tanto desleixados nos gestos e nos costumes, concorrem em condições desfavoráveis com os campeões do gênero, os reconhecidos talentos do PFL. Testam, ainda assim, convencer a platéia enfasiada de que vão proporcionar um desempenho de qualidade. Na verdade, mal conseguem representar a caricatura do que foram no passado. No início da semana, as cortinas se ergueram para mais um ato dessa farsa entediante. Michel Temer, presidente do partido, e Moreira Franco, assessor de FHC, pediram ao ex-ministro tucano Mendonça de Barros a cessão - provavelmente em comodato - de um programa de governo. Desconfia-se que Mendonça tenha chamado o seu trabalho de Carta de Intenções, num golpe

de refinada ironia desferido contra o desafeto Pedro Malan, sempre enalacrado nas armadilhas do FMI. Informações colhidas em boa fonte dizem que o desenvolvimento aparece como prioridade. Brava gente. Quem é do ramo está farto de saber que Temer e Moreira nos espetáculos da sucessão presidencial são atores de *Grand Guignol*. Quem move os cordéis é o presidente Fernando Henrique, provavelmente sob a orientação técnica do futuro ministro da Justiça, o ex-peemedebista Aloísio Nunes Ferreira. Mendonça de Barros, o idealizador do projeto de governo, referiu-se à sua obra como “programa Pirandello”, numa alusão à peça *Seis personagens à procura de um autor*. Se pudesse opinar, o velho Luigi - escritor do texto original - talvez arriscasse sugestões com o propósito de enriquecer a encenação proto-opocionista. Começaria, supõe-se, pelo nome. A pantomima que os dois paredros ensaiam protagonizar ficaria mais promovida sob o título *Um autor para um só personagem*. Não é difícil adivinhar a quem pretendem entregar a paródia. Os fanáticos do óbvio já concluíram que nem Temer nem Moreira parecem empenhados em fortalecer as candidaturas opositoras. É óbvio que procuram um candidato-laranja, capaz de fragmentar ainda mais as oposições, tudo para ampliar as chances do governismo alcançar o segundo turno.

**Anexo 2:** BANCO DO BRASIL - *Crônica de uma alta anunciada*, 24/4/2002, Nº 186, p. 19 (A semana, 13 a 19/4/2002) - *Malan manda CVM investigar alta de ações, cuja venda o presidente do BNDES disse estudar 19 dias antes*

De tão disputada, a venda de ações da Vale do Rio Doce a quem tinha depósitos no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço foi um sucesso. Exultante, Eleazar de Carvalho, presidente do BNDES, inquirido por repórteres em 21 de março, disse que estudava fazer o mesmo com papéis do Banco do Brasil. Declarações publicadas nos jornais do dia seguinte. Desde então, as ações do banco engataram um movimento de alta. De R\$ 11,71 por lote de mil, as ordinárias fecharam a R\$ 14,35 o lote do dia 17 de abril. O das preferenciais foi de R\$ 11,66 para R\$ 15. Alguns fatos marcariam o enredo.

Em 9 de abril, 716,3 milhões de ações preferenciais foram negociados no pregão - volume inédito no ano - e fecharam a R\$ 14,20. em 26 de março, já suplantavam R\$ 12. e, desde o início de abril, não cederam. Em 11 de abril, o governo anunciou oficialmente a venda de

16% do capital do BB, operação de cerca de R\$ 1,5 bilhão que o BNDES formatará em breve. A Comissão de Valores Mobiliários estranhou a alta do papel e o volume de negócios do dia 9 de abril. Recebeu ordens no dia 11 do ministro da Fazenda, Pedro Malan, para investigar possível informação privilegiada, o que faz atualmente. *Carta Capital* ouviu a respeito o presidente do BNDES e um observador avalizado de operações no mercado financeiro, o ex-presidente da CVM, Luiz Octávio da Motta Veiga. Carvalho diz que falou do estudo no meio de uma entrevista coletiva sobre a Vale. Não vê razão para que suas declarações possam ter promovido a alta de preço e a maior negociação com o papel do BB. Ou para suscitarem qualquer suspeita.

Veiga acha que o que é dito nos jornais não pode ser visto como informação privilegiada. Um crime que, por definição, trata de informação restrita a poucos, usada para manipular preços e promover ganhos a quem a detém. Nada que saia no jornal, portanto. Mais: acha que a CVM deveria olhar os pregões anteriores às declarações publicadas na imprensa sobre as operações em estudo e ver se houve algo anormal. O que a Bovespa assumiu na semana que antecedeu às declarações de Carvalho foi uma queda de 6,5% no preço da preferencial. O volume de negócios não ultrapassou R\$ 304,5 milhões ao dia. Em 22 de março, pulou para R\$ 571,7 milhões.